

IDENTIDADES CONTEMPORÂNEAS: MOBILIZAÇÃO REFLEXIVA, ANSIEDADE, AMBIVALÊNCIA E SUPERFICIALIDADE NO PROCESSO DE AUTO IDENTIFICAÇÃO

Fábio Pendiuk¹

Marcello Sgarbi²

RESUMO

O texto a seguir propõe uma fundamentação teórica sobre o processo de construção de identidades na relação reflexiva entre os anseios individuais e os riscos da sociedade moderna recente, distinguindo as características do contexto onde se formam e se transformam os determinantes da auto identificação. Para isso, apresenta uma análise exploratória da bibliografia de três expoentes da recente literatura sobre o tema. Pretende, sem grandes elucubrações e de forma bastante ensaística, verificar as transformações implicadas neste período da modernidade tardia ao mesmo tempo em que compara influentes teorias sobre o impacto do contexto social na formação de identidades. Por fim, revela-se a perspectiva teórica do impacto das recentes alterações econômicas, políticas e culturais na construção da personalidade individual.

Palavras-chave: Identidade. Modernidade Tardia. Pós-modernidade.

ABSTRACT

The following text proposes a theoretical foundation of identity construction process in the reflexive relationship between individual desires and the risks of recent modern society, distinguishing the characteristics of the context in which form and become the determinants of self identification. For this presents an exploratory analysis about three exponents of the recent literature on the subject. Wants, without major ruminations and rather essayistic form, check the changes involved in this period of late modernity while comparing influential theories on the impact of social context in identity formation. Finally, it reveals the theoretical perspective of the impact of recent economic changes, political and cultural in the construction of individual personality.

Keywords: Identity. Late Modernity. Postmodernity.

INTRODUÇÃO

Ao indagar o que os problemas pessoais, as crises pessoais e as relações pessoais podem exprimir sobre o panorama social moderno, o ser humano logo se depara com a

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná. Professor de Sociologia, Sociologia Jurídica, Teoria Geral do Estado, Ciência Política, Sociedade Contemporânea e Economia Política. E-mail: oibaf_p@yahoo.com.br

² Especialista em Direito Tributário Contemporâneo. Advogado, Professor das Faculdades Opet. E-mail: marcello.sgarbi@gmail.com

PENDIUK, F.; SAGARBI, M. *Identidades contemporâneas: Mobilização reflexiva, ansiedade, ambivalência e superficialidade no processo de auto identificação*. ANIMA: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba PR - Brasil. Ano VIII, n.º. 15, jul/dez 2016. ISSN 2175-7119.

percepção de que as circunstâncias sociais não são separadas da vida pessoal, nem são apenas pano de fundo para ela, pois ao enfrentar problemas pessoais, o indivíduo ajuda a reconstruir o universo da atividade social à sua volta. O mundo da alta modernidade, modernidade recente ou pós-modernidade, ainda que consideradas suas reflexões conceituais distintas, penetra profundamente no centro da auto identidade e dos sentimentos pessoais, criando uma relação entre as instituições e o processo de encontrar-se a si mesmo.

Em resposta a uma situação de perigo e em circunstâncias perturbadoras comuns ao cotidiano atual, surgem conflitos entre a identidade e o mundo exterior. Diante dos problemas pessoais, algumas pessoas se mostram resignadamente apáticas, enquanto outras são capazes de perceber positivamente novas oportunidades ao romperem com os modos preestabelecidos, provocando assim uma mudança em si mesmas, o que mostra que estas situações também podem ajudar na mobilização de novas iniciativas. As épocas anteriores também foram afetadas por ansiedades próprias, sendo pouco justificável supor que a vida em culturas mais tradicionais foi, neste sentido, mais equilibrada que hoje, mas é certo que o conteúdo destas ansiedades mudou. Questiona-se, então, de que maneira as transformações ocorridas no mundo moderno recente, com seus perigos e oportunidades, são influentes no reconhecimento de si mesmo. O que acontece com a ordem e a razão pregadas no mundo moderno em uma sociedade repleta de ambiguidades e contradições? Quão sólidas e reflexivas são as identidades em um contexto dominado por fatores distantes? Este artigo busca as respostas para estes questionamentos na elaboração de uma fundamentação teórica que sugere dar conta de uma reflexão capaz de delinear os contornos da sociedade contemporânea em sua relação com o processo de auto identificação.

1. A ANSIEDADE EXISTENCIAL NA MODERNIDADE TARDIA

Ao empregar o termo “modernidade”, Anthony Giddens (2002) se refere às instituições e modos de comportamento estabelecido depois do feudalismo na Europa, mas que tiveram impactos mundiais a partir do século XX. Entre suas principais dimensões estão sua proximidade com o “mundo industrial”, tendo suas relações sociais implicadas pelo uso da força material e do maquinário na produção, o capitalismo, com

PENDIUK, F.; SAGARBI, M. *Identidades contemporâneas: Mobilização reflexiva, ansiedade, ambivalência e superficialidade no processo de auto identificação*. ANIMA: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba PR - Brasil. Ano VIII, n.º. 15, jul/dez 2016. ISSN 2175-7119.

seus mercados competitivos e a mercantilização da força de trabalho, o controle e a supervisão (vigilância) das populações na forma de exposição da vida privada ou o uso de informações da vida privada para coordenar as atividades sociais.

As tendências globalizantes estão ligadas às influências dinâmicas da modernidade. Para o autor, a melhor maneira de compreender o conceito de globalização é através dos aspectos fundamentais do distanciamento entre tempo e espaço. Segundo ele, a globalização diz respeito ao entrelaçamento de eventos e relações sociais distantes com contextualidades locais e deve ser entendida como um fenômeno dialético, onde os eventos de uma relação se diferenciam de seus lugares de origens. De acordo com o autor, na globalização, ninguém está isento das transformações provocadas pela modernidade, sobretudo nas partes mais desenvolvidas do mundo, onde a conexão entre local e global está ligada a um conjunto de transformações na natureza da vida cotidiana. Essas transformações podem ser entendidas através da desqualificação de muitos aspectos da vida cotidiana, gerada pelo impacto dos mecanismos de desencaixe e a apropriação das informações especializadas tanto pelos especialistas quanto pelos leigos, o que também é parte da reflexividade moderna.

O desenvolvimento e a expansão das instituições modernas estariam, então, diretamente ligados à experiência que a mídia propicia. Os antigos jornais desempenharam um papel importante contribuindo para o processo de separação entre espaço e lugar, que se tornou um fenômeno global com a integração da mídia impressa e eletrônica. As pressões das diferenças entre tempo e espaço moldavam a apresentação das páginas impressas e, mais tarde, com a introdução dos meios eletrônicos, o evento em si tornou-se o fator determinante, e não mais o lugar de sua ocorrência. Os fluxos de comunicação aproximaram os acontecimentos e aquilo que, no passado, não teria nenhum impacto para além da realidade local, passou a fazer parte de cotidianos cada vez mais distantes. Desta forma, tanto a matéria impressa quanto a televisão, o cinema e as novas mídias eletrônicas, além de serem expressão das tendências globalizantes da modernidade, são também instrumentos da mesma, que incluem eventos distantes na consciência cotidiana, sendo que muitos destes eventos relatados no noticiário se infiltram na atividade diária, em nossas preocupações, medos, anseios e interesses.

Desta forma, o conhecimento sobre as relações pessoais por parte daqueles que estão inseridos nas mesmas não é acidental, mas constitutivo do que está acontecendo. Teríamos, então, uma consciência reflexiva da atividade moderna e das implicações disto em nossas vidas. A auto-identidade, como mobilização reflexiva, constitui uma trajetória através das instituições modernas, ou seja, é o acesso ao contexto onde se organizam as informações sociais e psicológicas sobre possíveis modos de vida. Desta forma, a modernidade é uma ordem pós-tradicional onde a pergunta “como devo viver” tem de ser interpretada durante o processo de auto-identidade e respondida em decisões do cotidiano, como o que vestir, o que comer, como se comportar etc. Cada uma destas decisões envolvem uma imensa quantidade de instituições e interesses distantes das necessidades essenciais que julgamos atender ao optar por um ou outro modo de vida.

Buscando identificar os elementos da sociabilidade que compõem a formação das identidades, Giddens (2002) sugere que o estudo da auto-identidade se realiza dentro do quadro geral da constituição psicológica do indivíduo. Responder a mais simples questão cotidiana demanda, atualmente, pôr entre parênteses uma gama quase infinita de possibilidades abertas ao indivíduo, o que pode acarretar numa desorientação cognitiva e emocional. Isso ocorre porque uma atitude natural do cotidiano põe entre parênteses perguntas sobre nós mesmos, sobre os outros e sobre o mundo dos objetos que devem ser dadas como respondidas para que se possa enfrentar a atividade cotidiana.

Através da atenção amorosa das primeiras pessoas a cuidarem de uma criança, desenvolve-se uma “confiança básica” que liga a auto-identidade à apreciação dos outros. A confiança que a criança investe nos que cuidam dela pode ser vista como uma espécie de suporte emocional contra as ansiedades existenciais, ou seja, uma proteção contra ameaças e perigos futuros que permite que o indivíduo mantenha a esperança e a coragem diante das circunstâncias que encontrará mais tarde. Esse suporte, ou “casulo protetor”, é essencialmente um sentido de irrealidade que coloca um parêntese nos eventos possíveis que poderiam ameaçar a integridade corporal ou psicológica do indivíduo. Desta forma, a barreira protetora pode ser rompida por acontecimentos que demonstrem o lado negativo da realidade que faz parte de todo risco.

O estabelecimento da confiança básica seria a condição da elaboração tanto da auto-identidade quanto da identidade de outras pessoas e objetos como “não-eu”.

PENDIUK, F.; SAGARBI, M. *Identidades contemporâneas: Mobilização reflexiva, ansiedade, ambivalência e superficialidade no processo de auto identificação*. ANIMA: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba PR - Brasil. Ano VIII, n.º. 15, jul/dez 2016. ISSN 2175-7119.

Porém, uma ruptura que não é realizada pela confiança e pela confiabilidade pode produzir consequências traumáticas. A ansiedade tem sua origem no medo da separação da primeira pessoa que cuidou da criança e aparece sempre que ameaçada a integridade do sistema de segurança fornecido pela confiança básica, a segurança ontológica.

Giddens (2002) afirma que ser ontologicamente seguro é ter, no nível do inconsciente e da consciência prática, o sentimento de ser capaz de responder às questões existenciais que a vida cotidiana coloca, como o domínio da realidade exterior, o caráter natural e finito da vida humana, as qualidades dos outros e o apoio em suas respostas e reações (aprovação ou reprovação) e a capacidade de sustentar uma narrativa particular para defender uma identidade.

As manifestações do corpo diante das situações e eventos exteriores também são um conteúdo fundamental da comunicação cotidiana. Espera-se que o indivíduo mantenha o controle sobre seu corpo em todas as situações de interação social. Desta forma, um agente competente é aquele capaz de exercer um monitoramento contínuo e bem-sucedido das expressões faciais e dos outros gestos do corpo, o que contribui para manutenção de seu casulo protetor em situações de interação cotidiana. De acordo com o autor, a consciência dos contornos e propriedades do corpo nasce nos primeiros encontros práticos da criança com o mundo-objeto e com as outras pessoas.

O controle regular do corpo, ao mesmo tempo em que mantém a auto-identidade, exhibe para os outros o “eu” em sua corporificação. Por esta razão a sensação de que o “eu” se apoia no corpo está ligada à apreciação do outro. O autor afirma que muito da interação social para se “seguir em frente” passa pelo controle corporal, principalmente das expressões faciais de aprovação e reprovação. Porém, para algumas pessoas, diagnosticadas como esquizofrênicas, manter as aparências pode se tornar um peso insuportável, o que faz com que se retirem para uma vida de fantasias por sentirem-se incapazes de prosseguir.

De acordo com Giddens (2002), os motivos que levam o indivíduo a uma ação são definidos pela antecipação de um estado de coisas por vir e nascem da ansiedade, em conjunto com os processos de aprendizado que dão origem à segurança ontológica. Por conseguinte, a motivação deve ser analisada em termos das características do sistema básico de segurança. Os motivos estão envolvidos com as emoções ligadas às ansiedades geradas nas relações de confiança, onde se manifestam os sentimentos como

PENDIUK, F.; SAGARBI, M. *Identidades contemporâneas: Mobilização reflexiva, ansiedade, ambivalência e superficialidade no processo de auto identificação*. ANIMA: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba PR - Brasil. Ano VIII, n.º. 15, jul/dez 2016. ISSN 2175-7119.

culpa e vergonha. Enquanto a culpa é derivada de sentimentos de se ter agido errado devido à violação de códigos ou tabus, a vergonha é entendida em relação à integridade do “eu”, à auto-identidade, podendo se manifestar devido à falta de coerência nos ideais ou em situações em que os objetivos são exigentes demais para serem alcançados.

Desta forma, nas condições de complexidade da modernidade, a vergonha ocuparia o primeiro plano como característica da organização psíquica do indivíduo, e não mais a culpa como em condições pré-modernas, ou seja, os indivíduos de hoje sofrem mais com incertezas como “em que deve acreditar” ou “quem deve ser ou se tornar” do que censuras e inibições que o impediriam de ser quem ele acredita ser.

2. A AMBIVALÊNCIA NA PÓS-MODERNIDADE

Zygmunt Bauman (2000), sugere que estaríamos vivendo uma transição da sociedade moderna para um novo paradigma, a pós-modernidade, marcada pela ambivalência. Segundo o autor, a ambivalência, possibilidade de conferir a um objeto ou evento mais de uma categoria, foi considerada, desde o início da modernidade, construída com ideais ordenadores dos iluministas, uma falha em nossa função nomeadora e classificadora. Através dessa função, a linguagem se situa entre um mundo ordenado, próprio a ser habitado pelo homem, e um mundo contingente de acaso, caótico, no qual a memória e a capacidade de aprender seriam inúteis. Um mundo ordeiro era um mundo no qual sabíamos como calcular a probabilidade de um evento e como aumentar ou diminuir tal probabilidade. Assim, devido a nossa capacidade de aprender e memorizar, temos um profundo interesse em manter a ordem do mundo. Porém, a ambivalência confunde o cálculo dos eventos e a relevância dos padrões de ação memorizados.

Quando a situação torna-se ambivalente, os instrumentos lingüísticos de estruturação se mostram inadequados. Desta forma, ou a situação não pertence a qualquer das classes lingüisticamente discriminadas ou recai em várias classes ao mesmo tempo. Em ambos os casos o resultado é uma sensação de indecisão e perda de controle.

Segundo Bauman (2000), dentre as muitas promessas impossíveis que a modernidade se atribuiu e que fizeram dela o que é, destaca-se “a ordem”, mais

PENDIUK, F.; SAGARBI, M. *Identidades contemporâneas: Mobilização reflexiva, ansiedade, ambivalência e superficialidade no processo de auto identificação*. ANIMA: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba PR - Brasil. Ano VIII, n°. 15, jul/dez 2016. ISSN 2175-7119.

precisamente a “ordem como tarefa”. Conforme o autor, a ordem e o caos modernos foram concebidos em meio ao colapso do mundo ordenado de modo divino na era medieval, que não conhecia o acaso, que apenas era, sem pensar em como ser. A modernidade seria, então, como um tempo em que se reflete a ordem, ou seja, a ordem do mundo, do hábitat humano, do “eu” humano e da conexão entre os três. Acreditar que a ordem das coisas não é natural, mas criada pelo homem e manifestadamente política e social, não significa dizer que o outro mundo pensava a ordem como obra da natureza. Na verdade, vivia-se sem essa alternativa e não seria aquele mundo se voltasse o pensamento para isso. Desta forma, a existência é moderna na medida em que se bifurca ordem e caos e surge essa alternativa.

Uma existência é moderna na medida em que é administrada por agentes capazes e soberanos que reivindicam o direito de definir a ordem, pondo de lado o caos como algo que escapa à definição. A prática tipicamente moderna é o esforço para exterminar a ambivalência, eliminando tudo que não poderia ser precisamente definido. Essa intolerância com o que não pode ser definido, nega os direitos e razões de tudo que não pode ser assimilado, gerando a deslegitimação do “outro”, daquele ou daquilo que não está alinhado à ordem.

Para Bauman (2000), a modernidade tornou-se possível adotando uma tarefa impossível. Essa tarefa impossível é estabelecida pelos horizontes da “verdade absoluta”, da ordem e da certeza, jamais alcançadas, mas que tornam possível andar com um objetivo. Assim, a modernidade nunca consegue o bastante e suas ambições são sempre frustradas. Por outro lado, a guerra contra o caos fragmenta-se numa infinidade de batalhas locais pela ordem. Dessa fragmentação surgem territórios de batalha menores, favorecendo, em certa medida, uma pequena vitória da ordem. Assim, a modernidade passou a considerar a fragmentação do mundo sua maior realização. O mundo que se desintegra em vários problemas seria um mundo governável. A grandiosa visão da ordem foi transformada em pequenos problemas solucionáveis. Porém, a fragmentação das funções torna as pessoas multifuncionais, assim como a fragmentação dos significados torna as palavras ambíguas, e, assim, chega-se a um novo estado caótico das coisas. A confusão nasce da luta pela clareza e quanto maior a fragmentação, menos controlável é o caos resultante. Quanto mais completa a resolução

PENDIUK, F.; SAGARBI, M. *Identidades contemporâneas: Mobilização reflexiva, ansiedade, ambivalência e superficialidade no processo de auto identificação*. ANIMA: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba PR - Brasil. Ano VIII, n°. 15, jul/dez 2016. ISSN 2175-7119.

dos problemas iniciais, menos controláveis são os problemas que resultam. Este tem sido um dos maiores desafios da ciência.

O horror à mistura reflete a obsessão de separar. Tanto o intelecto moderno quanto a prática moderna têm como sustentação a oposição, “o outro”. Assim, a anormalidade é o outro da norma, o desvio é o outro do cumprimento da lei, a doença é o outro da saúde, a mulher é o outro do homem, “eles” o outro de “nós”, a insanidade o outro da razão. Um lado depende do outro, mas a dependência não é simétrica, dado que o segundo lado depende do primeiro para seu forçado isolamento e o primeiro depende do segundo para sua auto-afirmação. Desta forma, tão moderna quanto a classificação e a ordenação, é a produção das sobras, o refugio, a mistura de categorias que não deveriam se misturar e que, em muitos casos, receberam sua pena de morte por resistir à separação. Assim, as ruas feias são o refugio do planejamento urbano, a heresia o refugio da ortodoxia e se a modernidade diz respeito à produção da ordem, então a ambivalência é o refugio da modernidade.

As instituições modernas e o Estado Nacional, além de coletivizar amigos e inimigos, desempenhavam a função de eliminar os estranhos, ou pelo menos tentavam. Ao contrário das tribos pré-modernas, a nação-Estado estendia seu controle sobre um território antes de exigir a obediência do povo e impunha a amizade quando esta não surgia por si mesma. Em seguida, o Estado nacional redefinia os amigos como nativos e ordenava que os direitos reservados “apenas aos amigos” fossem estendidos a todos os residentes do território, gerando assim o nacionalismo. Promoveu-se, assim, o “nativismo”, impondo a homogeneidade étnica, religiosa, linguística e cultural, através de uma propaganda incessante de atitudes coletivas que pregava o senso da missão comum, alimentando a animosidade com aqueles que se colocavam fora dessa união. Para o autor, essa homogeneidade imposta pelo Estado é a prática da ideologia nacionalista. Porém, se o Estado nacional fosse capaz de atingir seu objetivo, não haveriam estranhos no mundo dos residentes transformados em nativos patriotas. Para o autor, o que ocorre é que os estranhos se recusam a serem divididos em “nós” e “eles”, amigos e inimigos, permanecendo indeterminados.

A “solução liberal” para homogeneizar o território através da “assimilação” dos estranhos étnicos, religiosos ou culturais, reflete uma das contradições centrais da modernidade. Através dessa emancipação liberal, os estranhos tentam se livrar de tudo o

PENDIUK, F.; SAGARBI, M. *Identidades contemporâneas: Mobilização reflexiva, ansiedade, ambivalência e superficialidade no processo de auto identificação*. ANIMA: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba PR - Brasil. Ano VIII, n.º. 15, jul/dez 2016. ISSN 2175-7119.

que os torna distinto dos membros legítimos da comunidade nativa e esperam uma reclassificação como pessoas de dentro, habilitadas ao tratamento que recebem os amigos. Porém, esta reclassificação nunca acontece, até que os estranhos empenhados nessa transformação descobrem que o que acreditavam ser um jogo de emancipação era, de fato, um jogo de dominação daqueles que determinam o que é ser “igual” (igual a quem?). Para o autor, definir o problema da “domesticação” do estranho através da sua aculturação e da eliminação de sua origem seria reafirmar sua inferioridade e proclamar que seu estado original é uma mancha a ser removida.

As vítimas da tentação liberal tenderiam, então, a desenvolver um ódio a si mesmas, o que se transformaria em agressão à categoria de origem. Essa inquietude do estranho lançado à posição de ambivalência não é resultado da diferença cultural, mas uma aflição causada pela tentativa de apagá-la. Assim, Bauman conclui que definir a estranheza como fenômeno cultural é o ponto de partida de um processo que leva à revelação de que a estranheza tem bases muito mais sólidas e muito menos manipuláveis que as diferenças meramente culturais, de estilo de vida e crença.

Dois tipos de dúvida representam a modernidade, a pós-modernidade e a transição de uma para outra. A primeira dúvida, moderna, assinala que há eventos que o conhecimento existente não oferece uma descrição convincente. A segunda, pós-moderna, mostra que a descrição oferecida por aquele conhecimento não é a única versão possível dos fatos, nem mesmo a melhor versão. Ambos os tipos de dúvida têm existido há tanto tempo quanto a própria ciência. Porém, sua presença conjunta foi um dos aspectos que empurrou a modernidade no caminho da pós-modernidade.

O mundo pré-moderno via a diferença como se estivesse na ordem preordenada das coisas que são e permanecem diferentes. Após alguns séculos de modernidade, em que a diversidade humana viveu escondida e aprendeu a se embaraçar com seu estigma, a pós-modernidade, sem respostas adequadas, passou a ver a diversidade com bons olhos. A diversidade agora é bela. O que não significa que esta foi aceita de forma solidária, mas de forma “tolerada”. Ao contrário da solidariedade, que é socialmente orientada e militante, a tolerância é egocêntrica e contemplativa. Assim, como todas as condições humanas, a tolerância e a diversidade pós-moderna têm seus perigos e temores de extinção. Nesse ponto, a condição pós-moderna não difere totalmente de

PENDIUK, F.; SAGARBI, M. *Identidades contemporâneas: Mobilização reflexiva, ansiedade, ambivalência e superficialidade no processo de auto identificação*. ANIMA: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba PR - Brasil. Ano VIII, n°. 15, jul/dez 2016. ISSN 2175-7119.

outras condições, difere apenas pelo fato de saber que se vive sem garantias, o que a torna mais propensa à ansiedade.

Bauman (2000) sugere que a pós-modernidade não representa necessariamente o fim ou a rejeição da modernidade. Ela seria a mente moderna a examinar-se, a examinar sua condição e suas obras passadas, percebendo a necessidade de mudança. Enquanto a modernidade baseava-se na tríplice aliança dos valores de “liberdade, igualdade e fraternidade” e seus planejadores políticos viam a liberdade voltar-se contra a igualdade e a fraternidade se passar pelo sacrifício da individualidade em nome de uma suposta causa comum, na pós-modernidade os valores começaram a mudar originando uma nova tríplice aliança baseada nos valores de “liberdade, diversidade e tolerância”.

Ainda crítico em relação ao novo paradigma, Bauman afirma que a pós-modernidade não parece menos defeituosa que sua antecessora. Na prática, a liberdade se reduz às opções de consumo e para desfrutá-la é preciso antes ser um consumidor, condição que deixa milhões de fora. Quanto à diversidade, só prospera aquela que beneficia o mercado, sendo preciso batalhar pela autonomia para que a diversidade signifique mais do que estilos de vida negociáveis que encobrem a uniforme dependência diante do mercado. A nova tolerância significaria a irrelevância da opção cultural para a estabilidade da dominação. O autor sugere, assim, que a dominação política e econômica descobriu como se reproduzir em condições de variedade cultural. Em outras palavras, a tolerância promovida pelo mercado não leva à solidariedade, fragmentando em vez de unir. Ela é compatível com a prática da dominação social porque reafirma superioridade do tolerante, ou seja, o Outro, sendo diferente, perde o direito a um tratamento realmente igual.

Por outro lado, Bauman afirma que os valores ou meios da pós-modernidade apontam para a política, a democracia e plena cidadania como os únicos veículos de sua realização. Sem a política, esses valores e meios seriam inteiramente abandonados aos critérios do mercado, que os transformaria em slogans enganosos e fontes de novos perigos. A queda de muitos regimes absolutistas nos últimos anos aponta para a possibilidade da pós-modernidade gerar formas políticas próprias. Consciente de que o poder estatal não precisa do consentimento popular para sua operação cotidiana, mas não pode sobreviver a uma explícita recusa desse apoio, a política pós-moderna pode se

PENDIUK, F.; SAGARBI, M. *Identidades contemporâneas: Mobilização reflexiva, ansiedade, ambivalência e superficialidade no processo de auto identificação*. ANIMA: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba PR - Brasil. Ano VIII, n.º. 15, jul/dez 2016. ISSN 2175-7119.

tornar um jogo inteiramente diferente, com consequências imprevisíveis, pelo menos por enquanto.

Pode ser que o que estamos a testemunhar seja o colapso de um Estado protetor, como uma formação social, política e econômica inadequada para uma era dominada pelos valores pós-modernos. O Estado protetor exigiu que se abrisse mão do direito de escolha e autodeterminação em troca da promessa de provisão e segurança do indivíduo. Porém, ele acabou tornando-se o único alvo das frustrações, transformadas em queixas à sua política. Para Bauman, o sucessor do Estado moderno, tendo abandonado as ambições planificadoras, pode atuar com menos coerção e pouca mobilização ideológica, confiando que o descontentamento, enquanto continuar esperso, cuidará da reprodução do sistema. Desta forma, conclui-se que se antes a ambivalência foi declarada um perigo para a ordem social e política, hoje ela é um dos instrumentos de suporte da pós-modernidade.

3. IDENTIDADES FLUTUANTES

Stuart Hall (2014), ao abordar a formação das identidades no contexto pós-moderno, sugere três concepções distintas no processo histórico de sua formação. No contexto inicial da modernidade, dominado pelo pensamento iluminista, a identidade era entendida como individual, unificada e encerrada em si mesma, ou seja, fixa. Com o desenvolvimento do pensamento sociológico, a interação sujeito-sociedade passa a ser determinante da identidade como resultado da subordinação do eu (interno) ao mundo (externo), vista de forma não-autônoma e não-independente. Em sua versão atual, pós-moderna, o autor posiciona este processo na relação entre o indivíduo e uma imensa gama cultural viabilizada pela ampliação dos fluxos de informação, onde surge uma personalidade criada e inconstante, denominada pelo autor como “identidade flutuante”.

Teríamos passado, então, de uma perspectiva essencialista, de indivíduos supostamente determinados por uma natureza da razão, dotados de autonomia para decidir o verdadeiro e o falso – que nos levou a determinismos como o negro naturalmente escravo e submisso ao branco naturalmente senhor – para uma perspectiva construtivista, cética e desconfiada em relação às verdades. Um ceticismo iniciado na obra de Nietzsche, reforçado por Heidegger e resgatado pelos pós-estruturalistas

PENDIUK, F.; SAGARBI, M. *Identidades contemporâneas: Mobilização reflexiva, ansiedade, ambivalência e superficialidade no processo de auto identificação*. ANIMA: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba PR - Brasil. Ano VIII, n°. 15, jul/dez 2016. ISSN 2175-7119.

Derrida e Deleuze, que, baseados na “noção de diferença”, das identidades móveis (Freud) e da construção do “eu” em relação aos outros (Lacan), revela um processo de construção de formas fragmentadas em um jogo de significados contraditórios e repleto de antagonismos. Estas contradições são solucionadas na relação de poder estabelecidas nos posicionamentos ideológicos entre os interesses do indivíduo e a cultura determinante de narrativas, juízos de valor, questões econômicas e nacionalidades ou mitos de origem. Um universo que transita constantemente sobre nossas crenças e percepções do mundo e que são captadas de acordo com a necessidade imediata.

Na perspectiva de Hall (2014), a pós-modernidade produz identidades não mais unificadas ao redor de um “eu” coerente. Menos profundas, transitam entre a superficialidade de fantasias e interesses, por vezes, racionalizados em realidades distantes e incompatíveis.

4. NOTAS (NÃO) CONCLUSIVAS

Estender-se pelas já comentadas perspectivas limitaria a leitura a explorar sinônimos, enquanto que arriscar-se a selecioná-las em prejuízo de outras, em pleno canteiro do contemporâneo, seria lançar-se ao cimento fresco do prejulamento. Sob a égide do princípio da pluralidade, este artigo limita-se, confortavelmente, a uma ciência mais *lato*, menos *strictu*, que instigue a observação atenta do objeto.

Dentre as reflexões sobre a construção das identidades no mundo moderno e contemporâneo, destaca-se, por fim, a descrição de Anthony Giddens, de um mundo gerador de ansiedades, nos quais os riscos são calculados e exigem constantes adaptações; as mudanças significativas nos valores que norteiam as condutas em sociedade, na obra de Zygmunt Baumann; e a percepção de Stuart Hall de um contexto de formação de identidades inconstantes, flexíveis e pouco coerentes, determinadas em relação às necessidades imediatas, raramente reflexivas. Diante destas contribuições críticas, seria enriquecedor sugerir novas reflexões em torno do tema, como a formação das identidades no mundo globalizado, fortemente influenciado pelas representações da indústria cultural e pelos fluxos de informações que circulam nas novas mídias tecnológicas, o que parece ser um mote significativo do pensamento social contemporâneo.

PENDIUK, F.; SAGARBI, M. *Identidades contemporâneas: Mobilização reflexiva, ansiedade, ambivalência e superficialidade no processo de auto identificação*. **ANIMA: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET**. Curitiba PR - Brasil. Ano VIII, n°. 15, jul/dez 2016. ISSN 2175-7119.

5. REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BAUMAN, Zigmunt. **O Mal-estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: Ed. Lamparina, 2014.

ITUASSU, Cristiana T., ABREU, Matheus S., FICHE, Rodrigo H. **Pós-modernidade, consumo e realidade brasileira**. In: Anais do XXXVII Encontro da ANPAD, Rio de Janeiro, janeiro de 2013.